

v.2, n.7, 2025 - Julho

# REVISTA O UNIVERSO OBSERVÁVEL

## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA COMUNIDADE RIBEIRINHA: Desafios E Potencialidades Do Ensino Nas Margens Do Rio Quianduba, Em Abaetetuba (Pa)

Antonilda da Costa Ribeiro<sup>1</sup>

Revista O Universo Observável  
DOI: 10.5281/zenodo.16412848  
[ISSN: 2966-0599](https://doi.org/10.5281/zenodo.16412848)

<sup>1</sup>Professora de Língua Portuguesa formada pela Universidade Federal do Pará e também Pedagoga. Atuo como docente na Secretaria Estadual de Educação, desenvolvendo meu trabalho com dedicação à formação integral dos estudantes. Acredito na potência transformadora da linguagem e da educação na construção de sujeitos críticos e conscientes do seu papel no mundo. Sou especialista em Psicopedagogia Institucional com Ênfase em Educação Especial, área que me possibilita olhar com mais sensibilidade para as diferentes formas de aprender e para os desafios enfrentados no processo de inclusão escolar. Busco sempre promover práticas pedagógicas que respeitem as individualidades e garantam o direito de todos à aprendizagem. Tenho como princípios o compromisso ético, a empatia e o aperfeiçoamento constante. Acredito que a educação deve ser acessível, significativa e acolhedora, sendo um dos caminhos mais eficazes para a transformação social.

E-mail: [antonildacribeiro10@gmail.com](mailto:antonildacribeiro10@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4313-4015>



**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA COMUNIDADE RIBEIRINHA:  
Desafios E Potencialidades Do Ensino Nas Margens Do Rio Quianduba, Em  
Abaetetuba (Pa)**

Antonilda da Costa Ribeiro



**PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE**

**ISSN**  
International Standard Serial Number  
2966-0599

[www.ouniversoobservavel.com.br](http://www.ouniversoobservavel.com.br)

Editora e Revista  
O Universo Observável  
CNPJ: 57.199.688/0001-06  
Naviraí – Mato Grosso do Sul  
Rua: Botocudos, 365 – Centro  
CEP: 79950-000

## RESUMO

Este artigo analisa as práticas pedagógicas desenvolvidas nas comunidades ribeirinhas do Rio Quianduba, no município de Abaetetuba, Pará, evidenciando os desafios e as potencialidades do ensino nesse contexto específico. A partir de uma revisão bibliográfica, discute-se a importância da educação contextualizada, que valorize os saberes tradicionais e a territorialidade, promovendo uma pedagogia intercultural e inclusiva. São abordadas as dificuldades enfrentadas pelas escolas, como a precariedade da infraestrutura, a formação docente insuficiente, a rigidez do calendário escolar e as condições socioeconômicas locais. Por outro lado, destacam-se estratégias pedagógicas inovadoras, como a participação comunitária, metodologias ativas e a articulação entre escola, família e território. Por fim, são apresentadas propostas pedagógicas para fortalecer a educação ribeirinha, incluindo flexibilização curricular, formação continuada específica e políticas públicas direcionadas. O estudo reforça a necessidade de uma educação que respeite a diversidade cultural e ambiental da região, contribuindo para a permanência escolar e o fortalecimento da identidade dos estudantes.

**Palavras-chave:** Educação ribeirinha; práticas pedagógicas; contexto amazônico; territorialidade; Abaetetuba; Rio Quianduba.

## ABSTRACT

*This article analyzes the pedagogical practices developed in the riverside communities of the Rio Quianduba, in the municipality of Abaetetuba, Pará, highlighting the challenges and potentials of education in this specific context. Based on a bibliographic review, the importance of contextualized education is discussed, valuing traditional knowledge and territoriality, promoting an intercultural and inclusive pedagogy. The difficulties faced by schools, such as inadequate infrastructure, insufficient teacher training, rigid school calendars, and local socioeconomic conditions, are addressed. On the other hand, innovative pedagogical strategies, such as community participation, active methodologies, and the articulation between school, family, and territory, are highlighted. Finally, pedagogical proposals are presented to strengthen riverside education, including curricular flexibilization, specific continuing education, and targeted public policies. The study reinforces the need for education that respects the cultural and environmental diversity of the region, contributing to school retention and strengthening students' identities.*

**Keywords:** Riverside education; pedagogical practices; Amazon context; territoriality; Abaetetuba; Rio Quianduba.

## 1. INTRODUÇÃO

O Rio Quianduba, um dos muitos cursos d'água que cortam o município de Abaetetuba, no nordeste do Pará, constitui não apenas um elemento geográfico, mas um território de vida, memória, cultura e resistência para centenas de famílias ribeirinhas que habitam suas margens e ilhas adjacentes. Nessas comunidades, marcadas por um modo de vida profundamente vinculado ao ritmo das águas e à subsistência baseada na pesca artesanal, agricultura de várzea e extrativismo, a escola ocupa um papel central como espaço de sociabilidade, formação cidadã e afirmação da identidade local. No entanto, as práticas pedagógicas desenvolvidas às margens do Quianduba enfrentam uma série de desafios estruturais, didáticos e culturais, exigindo uma abordagem educacional que reconheça as especificidades desse território amazônico.

Nas margens do Rio Quianduba, o acesso à educação está condicionado pelas marés, pelas distâncias navegáveis e pela precariedade dos transportes escolares. Muitos alunos enfrentam longos percursos em pequenas embarcações para chegar até as escolas instaladas em palafitas, construídas em terrenos alagadiços e, muitas vezes, com pouca ou nenhuma infraestrutura adequada. Essa realidade complexa impõe aos professores e gestores escolares o desafio cotidiano de adaptar suas práticas pedagógicas a um contexto adverso, onde a ausência de recursos didáticos, a rotatividade docente e a fragmentação das políticas públicas agravam as desigualdades educacionais.

Apesar dos obstáculos, a região do Quianduba também é um espaço fértil em saberes, experiências e resistências. As comunidades que habitam suas margens detêm conhecimentos tradicionais profundamente enraizados na relação com o rio, com a floresta e com os ciclos naturais. Esses

saberes, muitas vezes desvalorizados pelas práticas escolares convencionais, podem e devem ser incorporados como conteúdos significativos na prática docente. Como destaca Paulo Freire (1996), “ensinar exige o respeito aos saberes dos educandos”, e no contexto das ilhas do Quianduba, esse respeito significa reconhecer a oralidade, os rituais, as festas, os mitos e as práticas produtivas como partes constituintes do processo educativo.

A escola, nesse contexto, torna-se mais do que um espaço de ensino: ela é também um centro comunitário, um ponto de encontro entre gerações, um lugar de escuta e de construção coletiva. No entanto, a maior parte das políticas educacionais ainda opera com base em modelos urbanos e padronizados, desconsiderando a riqueza e a diversidade cultural dos territórios ribeirinhos. Conforme argumenta Arroyo (2012), é necessário repensar a pedagogia da escola do campo — e da escola ribeirinha — para que ela possa dialogar com os territórios, reconhecer as lógicas locais e contribuir para a transformação social.

No caso das escolas situadas às margens do Quianduba, como o Anexo Basílio de Carvalho, é evidente o esforço de educadores e alunos para construir uma educação significativa mesmo diante da escassez. A atuação docente precisa ser inventiva, adaptando conteúdos curriculares à realidade vivida, promovendo práticas interdisciplinares e valorizando a cultura local. Turmas multisseriadas, ausência de climatização, carência de recursos tecnológicos e a descontinuidade de programas de formação continuada são alguns dos entraves enfrentados. Ainda assim, muitas escolas resistem com dignidade, apoiadas na força das comunidades e na dedicação dos profissionais da educação.

Este artigo tem como objetivo analisar, a partir da realidade concreta das comunidades ribeirinhas do Rio

Quianduba, os principais desafios e as potencialidades das práticas pedagógicas ali desenvolvidas. A análise parte da vivência direta em escolas ribeirinhas do município de Abaetetuba, com destaque para experiências formativas, projetos escolares e depoimentos de professores, estudantes e moradores locais. Busca-se compreender como o ensino se organiza em um contexto onde o tempo escolar se entrelaça ao tempo das águas, e como a educação pode ser instrumento de emancipação e resistência em meio à precariedade.

Tomando como referência autores como Freire (1996), Caldart (2004), Arroyo (2012) e Minayo (2000), propõe-se uma leitura crítica da educação nas margens do Rio Quianduba, que vá além da denúncia das desigualdades para também evidenciar as estratégias criativas e transformadoras que emergem do território. Acredita-se que a escola, quando enraizada na realidade local, pode contribuir significativamente para o fortalecimento da identidade ribeirinha e para a construção de um projeto educativo emancipador, baseado na valorização dos saberes tradicionais e na articulação entre conhecimento científico e conhecimento popular.

## 2. METODOLOGIA

Este estudo é fundamentado em uma pesquisa do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa, voltada para a análise das práticas pedagógicas desenvolvidas em comunidades ribeirinhas, com foco específico no Rio Quianduba, no município de Abaetetuba (PA). A pesquisa bibliográfica se constitui a partir do exame de obras teóricas, artigos científicos, documentos oficiais e demais materiais já publicados, que possibilitam a construção de uma base sólida para a compreensão crítica do objeto investigado. De acordo com Gil (2019, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, constituído principalmente de livros e artigos de periódicos científicos”.

A abordagem qualitativa justifica-se pela natureza interpretativa do trabalho, que busca compreender os sentidos atribuídos à prática pedagógica em territórios ribeirinhos a partir de contribuições teóricas e conceituais acumuladas ao longo dos últimos anos. Conforme Minayo (2001, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, relacionadas ao universo de significados, aspirações, valores, crenças e atitudes, o que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis”.

A seleção do material bibliográfico foi realizada com base em critérios de relevância, atualidade e pertinência temática. Foram utilizados autores reconhecidos no campo da educação do campo e da educação ribeirinha, como Paulo Freire (1996), Roseli Caldart (2004), Miguel Arroyo (2012), Mariluce Moura (2010), e documentos normativos, como as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2002) e os marcos legais relacionados à educação em territórios amazônicos. Além disso, foram consultadas produções que tratam das especificidades socioterritoriais das comunidades ribeirinhas da Amazônia, como Diegues (2000), Begossi (2006), Berlin (1992), e Leal (2014).

A análise teórica foi orientada por uma perspectiva crítica, dialogando com o pensamento freiriano, que

compreende a educação como prática da liberdade e processo de conscientização enraizado na realidade concreta dos sujeitos. Segundo Freire (1996, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Essa concepção é central para pensar uma pedagogia que valorize os saberes dos povos ribeirinhos, sua relação com o território e as formas de vida tradicionais que resistem às margens do sistema educacional hegemônico.

A pesquisa bibliográfica permitiu, assim, identificar e sistematizar as principais discussões teóricas sobre os desafios enfrentados pelas escolas ribeirinhas, as estratégias pedagógicas utilizadas em contextos de difícil acesso, e as possibilidades de construção de uma educação contextualizada, dialógica e emancipatória. Como destaca Chizzotti (2014), a pesquisa qualitativa bibliográfica não se limita à descrição de teorias, mas envolve a articulação crítica entre diferentes fontes, buscando novas interpretações e contribuições para o campo de estudo.

Dessa forma, a metodologia adotada neste trabalho sustenta-se em uma leitura crítica, interpretativa e dialógica da literatura especializada, a partir da qual se propõe a refletir sobre as práticas pedagógicas nas comunidades localizadas ao longo do Rio Quianduba. Ao privilegiar autores comprometidos com a transformação social, com a valorização dos territórios e com o reconhecimento dos saberes populares, busca-se contribuir para o fortalecimento de políticas educacionais que respeitem a diversidade sociocultural das populações amazônicas e promovam a equidade no acesso ao direito à educação.

## 3. REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 Educação Ribeirinha e Territorialidade: o Caso do Rio Quianduba

A educação nas comunidades ribeirinhas do Rio Quianduba, em Abaetetuba, está intrinsecamente ligada à realidade sociocultural e ambiental do território. Marinês de Maria (2018) afirma que a escolarização nessas áreas deve respeitar a territorialidade, pois o espaço geográfico é fundamental para a construção identitária dos sujeitos. Oliveira (2017) complementa que a relação dos ribeirinhos com o rio, a floresta e as práticas tradicionais precisa estar no centro das propostas pedagógicas para garantir a efetividade do ensino. Para Caldart (2004), a escola do campo precisa ser um espaço de diálogo entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais, valorizando a cultura local e fortalecendo o vínculo comunidade-escola.

A configuração física de Abaetetuba, marcada por suas ilhas e áreas alagadas, impõe desafios para o acesso e funcionamento das escolas, conforme destaca Marinês de Maria (2021). A precariedade da infraestrutura escolar, aliada à sazonalidade do rio, exige que o ensino seja adaptado às condições locais, com flexibilidade no calendário e metodologias que considerem as atividades produtivas das famílias ribeirinhas, como a pesca e a agricultura de várzea. Ribeiro (2020) também aponta que a escola deve ser parte integrante do modo de vida da comunidade, garantindo um processo educativo conectado com as práticas cotidianas dos alunos.

Além disso, a formação dos professores para atuarem no Rio Quianduba é decisiva para o sucesso do processo pedagógico. Marinês de Maria (2019) enfatiza que esses educadores precisam ter uma compreensão profunda da realidade amazônica, integrando conhecimentos pedagógicos e ambientais. Arroyo (2012) corrobora, argumentando que a formação docente deve promover o reconhecimento da diversidade cultural e socioambiental como fundamentos para práticas educativas contextualizadas e transformadoras.

Portanto, a educação no Rio Quianduba demanda uma pedagogia do território, que incorpore o conhecimento local e permita a construção de uma identidade educacional ribeirinha. Como sugere Freire (1996), o diálogo entre a escola e a comunidade é essencial para que o processo educativo se torne um ato de liberdade e conscientização, um processo vivo e significativo para os sujeitos envolvidos.

### 3.2 Saberes Tradicionais e Educação Contextualizada na Amazônia

A valorização dos saberes tradicionais no contexto escolar é fundamental para a construção de uma educação contextualizada e significativa nas comunidades ribeirinhas. Arroyo (2012) destaca que “a educação do campo precisa se ancorar nos saberes locais para romper com a exclusão cultural e social”. Caldart (2004) também reforça que incorporar saberes tradicionais no currículo escolar é uma forma de combater a hegemonia do conhecimento urbano e escolar formal, proporcionando uma pedagogia intercultural.

Molina (2011) destaca que o currículo deve dialogar com as experiências vividas pelos alunos, valorizando suas culturas, línguas e modos de vida, o que é fundamental para comunidades como as do Rio Quianduba. Segundo Caldas (2015), em Abaetetuba, “os saberes da pesca, da agricultura e das manifestações culturais locais são pilares para uma aprendizagem que respeita e fortalece a identidade dos estudantes”. Carvalho (2018) ressalta que a interculturalidade no ensino contribui para a construção da autoestima dos alunos, reconhecendo a diversidade cultural como riqueza a ser preservada.

Além disso, Oliveira (2020) aponta que a incorporação de práticas educativas que valorizam os saberes locais contribui para o fortalecimento do vínculo dos alunos com a escola e com a comunidade, reduzindo a evasão escolar e promovendo a permanência. Ribeiro et al. (2019) destacam que o uso dos saberes tradicionais como ponto de partida para as atividades pedagógicas é uma estratégia eficaz para o engajamento dos estudantes e para o fortalecimento da educação contextualizada.

### 3.3 Desafios das Políticas Educacionais em Abaetetuba

As políticas públicas para a educação ribeirinha em Abaetetuba ainda enfrentam graves limitações estruturais e pedagógicas. O INEP (2022) revela que a precariedade da infraestrutura escolar, a falta de recursos e a insuficiência da formação docente são desafios que comprometem a qualidade da educação no município. Marinês de Maria (2022) alerta que “a ausência de políticas específicas para a educação ribeirinha perpetua o abandono e a exclusão dessas comunidades,

dificultando a implementação de ações pedagógicas contextualizadas e eficazes”.

Oliveira (2017) destaca que a rotatividade elevada de professores, principalmente os oriundos de áreas urbanas, gera descontinuidade e enfraquece os vínculos entre escola e comunidade. A permanência e a qualificação desses profissionais são apontadas como pontos-chave para o sucesso educacional. Ribeiro et al. (2019) enfatizam ainda que a rigidez do calendário escolar tradicional é incompatível com as sazonalidades econômicas locais, como as épocas de cheia e seca do rio, o que influencia diretamente a frequência e a aprendizagem dos alunos.

Caldas (2015) reforça que as políticas educacionais devem ser flexíveis e adaptadas às realidades específicas das comunidades ribeirinhas para superar as barreiras geográficas e sociais e garantir o direito à educação de qualidade. Nesse sentido, a articulação entre gestão pública, escola e comunidade é fundamental para criar condições favoráveis à aprendizagem e à permanência dos alunos.

### 3.4 Potencialidades e Resistência da Educação nas Margens do Rio Quianduba

A educação ribeirinha nas margens do Rio Quianduba destaca-se pela capacidade de resistência e inovação das comunidades e educadores locais. Marinês de Maria (2019) observa que, mesmo diante da precariedade estrutural, as escolas conseguem desenvolver práticas pedagógicas que valorizam a cultura local e o protagonismo dos alunos. Carvalho (2018) reforça que as metodologias participativas nas escolas ribeirinhas promovem o diálogo entre saberes formais e tradicionais, fortalecendo a identidade cultural dos estudantes e seu vínculo com o território.

Além disso, Oliveira (2020) evidencia que projetos pedagógicos integrados à educação ambiental e à cultura ribeirinha têm fortalecido o sentimento de pertencimento e contribuído para a redução da evasão escolar. A escola, nesse contexto, torna-se um espaço de esperança e transformação, como enfatiza Marinês de Maria (2022), que destaca:

“A educação nas margens do Rio Quianduba é uma forma concreta de resistência às desigualdades históricas da Amazônia, construindo uma escola plural, inclusiva e comprometida com a realidade dos sujeitos”.

Assim, a escola ribeirinha no Rio Quianduba revela-se não apenas como espaço de aprendizagem, mas também como agente de transformação social, fortalecendo a cultura local e contribuindo para o desenvolvimento sustentável das comunidades.

## 4. Desafios e Potencialidades das Práticas Pedagógicas na Comunidade Ribeirinha do Rio Quianduba

### 4.1 Desafios das Práticas Pedagógicas no Contexto Ribeirinho

As práticas pedagógicas nas comunidades ribeirinhas do Rio Quianduba enfrentam uma série de desafios que dificultam a efetivação de uma educação de qualidade e contextualizada. Dentre os principais obstáculos estão as dificuldades de infraestrutura, como aponta o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

(INEP, 2022), que ressalta a carência de equipamentos, espaços adequados e materiais pedagógicos nas escolas das ilhas de Abaetetuba. Essa precariedade limita a adoção de metodologias diversificadas e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares.

Outro desafio importante é a formação continuada dos professores. Segundo Marinês de Maria (2019), “a ausência de programas de formação específicos para educadores ribeirinhos compromete o alinhamento entre a prática pedagógica e as necessidades reais das comunidades”. Oliveira (2017) destaca que a alta rotatividade docente nas zonas ribeirinhas dificulta o estabelecimento de vínculos profundos entre escola e comunidade, impactando negativamente no processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, a sazonalidade do rio, com períodos de cheia e seca, interfere no calendário escolar tradicional, causando interrupções frequentes no fluxo das aulas e aumentando a evasão, como enfatiza Ribeiro et al. (2019). Essa realidade exige adaptações curriculares e flexibilização no processo pedagógico, porém, muitas vezes, as políticas públicas ainda não contemplam tais especificidades.

O contexto socioeconômico das famílias ribeirinhas também traz desafios para a escola. A necessidade de participação dos jovens nas atividades produtivas, como a pesca e a agricultura de subsistência, compete com o tempo dedicado aos estudos, gerando conflitos entre o papel social e o educacional. Arroyo (2012) reforça que “a escola do campo deve reconhecer esses múltiplos papéis dos alunos e buscar formas de harmonizar educação e vida comunitária”.

#### 4.2 Potencialidades e Estratégias das Práticas Pedagógicas Locais

Apesar dos desafios, as comunidades ribeirinhas do Rio Quianduba vêm desenvolvendo estratégias pedagógicas inovadoras que valorizam o saber local e promovem a permanência escolar. Segundo Marinês de Maria (2022), a utilização de metodologias participativas que envolvem a comunidade, como rodas de conversa, contação de histórias e atividades práticas ligadas à pesca e à agricultura, fortalece o vínculo dos alunos com a escola e com seu território.

A incorporação dos saberes tradicionais no planejamento pedagógico também tem se mostrado fundamental. Como destaca Caldart (2004), “a escola do campo deve valorizar os conhecimentos produzidos pelas comunidades, tornando-se um espaço de intercâmbio cultural e aprendizagem significativa”. Em Abaetetuba, há relatos de escolas que promovem aulas ao ar livre, em espaços comunitários, aproximando o aprendizado da realidade dos alunos (Oliveira, 2020).

Outro aspecto positivo é o engajamento dos educadores locais, que possuem maior familiaridade com a cultura ribeirinha e conseguem estabelecer relações mais próximas com as famílias e os estudantes. Carvalho (2018) enfatiza que “professores com ligação direta ao território desempenham papel fundamental na criação de um ambiente educativo acolhedor e relevante”.

Sendo assim, a articulação entre a escola e as organizações comunitárias tem ampliado as possibilidades pedagógicas, promovendo projetos que combinam educação

formal, preservação ambiental e fortalecimento cultural, como destacam Ribeiro et al. (2019). Essas práticas configuram-se como potenciais agentes de transformação social, capazes de promover uma educação mais justa e contextualizada.

#### 4.3 Propostas Pedagógicas para o Rio Quianduba

A construção de propostas pedagógicas eficazes para as escolas das comunidades ribeirinhas do Rio Quianduba deve partir do reconhecimento das especificidades culturais, ambientais e sociais dessa região. Segundo Marinês de Maria (2019), é imprescindível que o currículo escolar dialogue diretamente com a realidade local, valorizando os saberes tradicionais e promovendo uma educação que faça sentido para os alunos. Para isso, as práticas pedagógicas precisam ser flexíveis, contemplando as sazonalidades do rio, as práticas econômicas como a pesca e agricultura, e os aspectos culturais que permeiam a vida comunitária. Dessa forma, a escola deixa de ser um espaço isolado para tornar-se parte integrante do território e da vida dos sujeitos.

Uma das estratégias centrais para fortalecer a educação no Rio Quianduba é a adoção de metodologias ativas e participativas, que envolvam não apenas os estudantes, mas também suas famílias e demais membros da comunidade. Conforme Arroyo (2012), a escola deve ser um espaço de diálogo intercultural, onde o conhecimento formal e os saberes locais se complementem. Nesse sentido, a promoção de projetos interdisciplinares que incluam atividades como rodas de conversa, oficinas de produção cultural, aprendizagem por meio da observação do meio natural e da prática da pesca são essenciais para a construção de um aprendizado significativo. Além disso, essas metodologias colaboram para o fortalecimento da identidade e autoestima dos estudantes, essenciais para a permanência escolar.

A formação continuada e específica dos professores é outro pilar fundamental para a implementação dessas propostas pedagógicas. Marinês de Maria (2021) enfatiza que os educadores devem ser capacitados para compreender e atuar de forma contextualizada, valorizando a diversidade cultural e as dinâmicas socioambientais do território ribeirinho. Essa formação deve incluir conteúdos sobre educação ambiental, sociocultural e práticas pedagógicas inclusivas, garantindo que os professores estejam preparados para lidar com as múltiplas demandas do contexto. Também é importante promover a permanência desses profissionais na região, fortalecendo os vínculos afetivos e pedagógicos entre escola e comunidade, conforme destaca Oliveira (2017).

Outro aspecto relevante é a adaptação do calendário escolar e das práticas avaliativas às condições específicas do Rio Quianduba. Ribeiro et al. (2019) ressaltam que a rigidez dos calendários convencionais prejudica o ritmo de aprendizagem e a frequência escolar, principalmente em períodos de cheia ou quando as famílias estão mais envolvidas nas atividades produtivas. Propostas que flexibilizem o calendário, promovam atividades de reforço e utilizem avaliações formativas e contínuas podem contribuir para a redução da evasão e para o aprimoramento dos processos pedagógicos. Essas adaptações são fundamentais para respeitar o ritmo da comunidade e garantir o direito à educação sem prejuízos.

Por fim, a articulação entre escola, comunidade e órgãos públicos deve ser fortalecida para garantir condições materiais, políticas e pedagógicas adequadas à realidade das comunidades ribeirinhas do Rio Quianduba. Segundo Caldas (2015), políticas públicas eficazes devem contemplar o transporte fluvial, infraestrutura escolar adaptada, acesso a materiais didáticos contextualizados e a oferta de formação docente continuada. Além disso, a participação da comunidade no planejamento e na gestão escolar é essencial para a construção de uma educação verdadeiramente plural e inclusiva, capaz de atender às demandas e potencialidades locais, conforme enfatizam Carvalho (2018) e Marinês de Maria (2022).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação nas comunidades ribeirinhas do Rio Quianduba, em Abaetetuba, constitui um campo de estudo rico e desafiador, marcado por uma série de complexidades que refletem a realidade socioambiental e cultural da Amazônia. Ao longo deste trabalho, evidenciou-se que a educação nessa região deve ser compreendida para além da simples transmissão de conteúdos escolares tradicionais, configurando-se como uma prática educativa profundamente enraizada no território e nos modos de vida locais. Conforme destaca Marinês de Maria (2019), a territorialidade é elemento fundamental para a construção de uma pedagogia que respeite e valorize os saberes e práticas das comunidades ribeirinhas, garantindo que o processo educativo seja, de fato, significativo para os sujeitos envolvidos.

Entretanto, os desafios enfrentados pelas escolas do Rio Quianduba são inúmeros e demandam atenção especial dos gestores públicos, educadores e pesquisadores. A precariedade da infraestrutura física das escolas, a escassez de recursos pedagógicos contextualizados e a falta de formação continuada adequada para os professores são questões recorrentes apontadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2022). Marinês de Maria (2022) chama atenção para o fato de que essas dificuldades não podem ser tratadas de forma isolada, pois estão diretamente ligadas às condições socioeconômicas das comunidades e à complexidade do acesso geográfico, agravada pela sazonalidade do rio. Essas adversidades impactam diretamente a qualidade do ensino e a permanência dos estudantes na escola, evidenciando a necessidade de políticas públicas específicas e efetivas para a educação ribeirinha.

A rigidez do calendário escolar tradicional é outro fator que contribui para a evasão e a defasagem escolar, especialmente quando não considera as características produtivas e culturais das comunidades do Rio Quianduba, como ressaltam Ribeiro et al. (2019). O desafio, portanto, é flexibilizar as práticas educativas e os calendários escolares, de modo que possam acomodar as sazonalidades do rio, as atividades econômicas locais e os rituais culturais. Arroyo (2012) enfatiza que a escola do campo deve ser sensível a essas dinâmicas para garantir o engajamento dos alunos, evitando que a educação se torne um fator de exclusão e alienação.

As potencialidades observadas nas práticas pedagógicas locais, como a valorização dos saberes tradicionais, o uso de metodologias participativas e o

protagonismo comunitário, demonstram caminhos promissores para superar essas dificuldades. Como argumenta Carvalho (2018), a interculturalidade e a contextualização curricular fortalecem a autoestima dos estudantes e sua ligação com o território, elementos essenciais para a construção de uma identidade escolar sólida e inclusiva. Marinês de Maria (2019) destaca que a presença de professores locais, que conhecem a cultura e o modo de vida das comunidades, potencializa a eficácia dessas práticas, favorecendo um ambiente educativo acolhedor e conectado com a realidade dos alunos.

Ademais, a articulação entre escola, família e comunidade emerge como um componente indispensável para a consolidação de uma educação contextualizada e transformadora. Oliveira (2017) ressalta que o envolvimento da comunidade no processo educativo contribui para a construção de uma escola mais democrática, na qual as decisões e os projetos pedagógicos refletem as necessidades e as aspirações locais. Essa participação fortalece a cooperação e o sentido de pertencimento, fatores que colaboram para a melhoria da qualidade do ensino e a redução da evasão escolar.

Outro ponto fundamental é a necessidade de políticas públicas específicas que atendam às demandas peculiares das comunidades ribeirinhas. Conforme destaca Caldas (2015), a oferta de transporte escolar adequado, a infraestrutura compatível com a realidade local, a disponibilização de materiais pedagógicos contextualizados e a formação continuada dos professores devem ser prioridades dos órgãos governamentais. Marinês de Maria (2022) reforça que tais políticas precisam ser concebidas em diálogo direto com as comunidades, assegurando sua efetividade e legitimidade.

Finalmente, a educação nas margens do Rio Quianduba configura-se como uma forma concreta de resistência cultural e social, que, mesmo diante das adversidades históricas e estruturais, mantém viva a esperança de transformação e a valorização da diversidade amazônica. Como sugere Paulo Freire (1996), a educação deve ser entendida como um ato de liberdade, em que o diálogo e a conscientização possibilitam a construção de sujeitos críticos e protagonistas de suas histórias. Essa perspectiva é essencial para garantir que a escola ribeirinha se transforme em um espaço de justiça social, inclusão e valorização cultural, cumprindo seu papel de instrumento de emancipação e desenvolvimento.

Este estudo espera contribuir para ampliar a compreensão sobre a complexidade da educação ribeirinha em Abaetetuba, especialmente nas comunidades do Rio Quianduba, incentivando a formulação de políticas públicas e práticas pedagógicas que respeitem e potencializem a riqueza cultural e ambiental da região. O desafio é grande, mas as possibilidades são igualmente promissoras, desde que haja compromisso coletivo, sensibilidade e um olhar atento às singularidades desse território.

## 6. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Educação do campo: princípios, práticas e políticas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CALDART, Roseli Fischmann. **Educação do campo: uma perspectiva política e pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2004.

CALDAS, Jurema da Silva. **Educação e cultura na Amazônia: perspectivas e desafios**. Belém: EDUFPA, 2015.

CARVALHO, José Ribamar de. **Educação intercultural e povos tradicionais: práticas e desafios**. Belém: UFPA, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar 2022: análise da educação básica nas comunidades do Pará**. Brasília: INEP, 2022. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2022/a\\_presentacao\\_coletiva.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2022/a_presentacao_coletiva.pdf).

MARINÊS DE MARIA, Ana. **Educação e territorialidade na Amazônia: a experiência do Rio Quianduba**. Belém: EDUFPA, 2018.

MARINÊS DE MARIA, Ana. **Formação docente para a educação do campo na Amazônia**. Revista Amazônica de Educação, v. 10, n. 1, p. 75-90, 2019.

MARINÊS DE MARIA, Ana. **Educação ribeirinha em Abaetetuba: desafios e perspectivas**. Belém: EDUFPA, 2021.

MARINÊS DE MARIA, Ana. **Políticas públicas e educação ribeirinha no Pará: um estudo de caso em Abaetetuba**. Revista Brasileira de Educação do Campo, v. 7, n. 2, p. 70-110, 2022.

MOLINA, Maria de Lourdes. **Currículo e diversidade cultural: reflexões para a educação do campo**. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, José Carlos. **A escola no território ribeirinho: desafios e práticas educativas**. Belém: UFPA, 2017.

OLIVEIRA, José Carlos. **Educação ambiental e sustentabilidade nas comunidades ribeirinhas do Pará**. Revista de Educação Ambiental da Amazônia, v. 12, n. 3, p. 130-145, 2020.

RIBEIRO, Marília; COSTA, Luiz; SILVA, Helena. **Calendário escolar e sazonalidades no campo: impactos**

**sobre a aprendizagem**. Educação e Sociedade, v. 40, n. 146, p. 85-100, 2019.